

# Sacerdotisas do Divino e Sujeito-Trama do Turismo: A Festa do Divino Espírito Santo, Alcântara, MA

GOMES M.C.<sup>1</sup>  
BAPTISTA M. L.<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente texto apresenta reflexões sobre a trama subjetiva envolvida no evento Festa do Divino Espírito Santo, que ocorre anualmente no Estado do Maranhão<sup>3</sup>. O artigo segue a orientação da cartografia dos saberes, com informações resultantes da linha cartográfica saberes pessoais, associadas aos saberes teóricos, numa perspectiva transdisciplinar. O Estado do Maranhão é um expoente no campo do turismo nacional, contando com patrimônio material e imaterial consolidado, como atrativo turístico. Em termos de legado cultural, apresenta resquícios de um passado imperial que perfila a cidade histórica de Alcântara. A Festa do Divino Espírito Santo dos alcantarenses tem, nas caixeiros, o elemento constituidor, com significativa diferença em relação às demais caixeiros do Estado. Tais reflexões emergem de pesquisa mais em fase inicial em nível de Doutorado em Turismo e Hospitalidade, na Universidade de Caxias do Sul, bem como decorre de produções investigativas anteriores, envolvendo a festividade. É uma produção vinculada ao Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo e Autopeioese (UCS/CNPq).

**Palavras-chave:** Turismo. Sujeito-trama. Festa do Divino Espírito Santo. Caixeiros. Alcântara, MA.

## Introdução

Este artigo tem como objeto de investigação os sujeitos-trama <caixeiros>, envolvidos na construção da manifestação sagrada e profana da Festa do Divino Espírito Santo, em Alcântara, Maranhão. Os sujeitos <caixeiros> presentes na Festa são os principais mantenedores do legado cultural dessa manifestação no Estado, o que os transforma em atrativo turístico. As <caixeiros> são mulheres que entoam cânticos em louvor ao Divino, prática local secular, prática que hodiernamente encontra-se sob ameaça de extinção, por falta de sucessoras, assim como pelo descaso da comunidade em relação a elas e pela falta de condições do grupo em se manter coeso para reprodução da prática do toque de caixas.

Alcântara, fundada em 22 de dezembro de 1648, é a primeira cidade histórica da região amazônica reconhecida Patrimônio Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), desde 1948. O sítio urbano está centrado no continente e integra o Golfão Maranhense, o que a transforma numa pequena cidade, cercada de praias e ilhas

---

<sup>1</sup> Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Mestra pelo Programa Gestão de Negócios Turísticos, Universidade Estadual do Ceará. Email: [crimesquita@ifma.edu.br](mailto:crimesquita@ifma.edu.br)

<sup>2</sup> Doutora. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopeioese (CNPq-UCS) e integrante do Filocom (ECA/USP). Email: [malu@pazza.com.br](mailto:malu@pazza.com.br)

<sup>3</sup> Produção vinculada ao Grupo de Pesquisa Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo e Autopeioese (UCS/CNPq)

desertas. O cenário de antigas ruas calçadas de pedras, casarões, azulejos, igrejas, moradas, fontes e ruínas, resistentes ao tempo, ressaltam a opulência e a riqueza de outrora, assim como os museus, as igrejas e as casas temáticas representam o passado de expansão econômica.

A problemática investigada centra-se na trama entre os sujeitos envolvidos precipuamente nas caixeiros - devotos, festeiros, autóctones, visitantes e autoridades locais -, pretendendo contribuir para a compreensão do fenômeno que envolve a festa. A noção de sujeito-trama decorre dos estudos de Baptista (2014), alinhando as reflexões sobre a subjetividade no Turismo aos pressupostos da Ciência Contemporânea, com seu caráter inerente de trama complexa de entrelaçamentos. Portanto, este artigo baseia-se na Cartografia de Saberes como estratégia metodológica, que possibilita ao pesquisador identificar pistas, compondo uma espécie de trama metodológica, facilitando maior compreensão sobre o fenômeno estudado.

Tal metodologia “implica em mergulho no objeto/fenômeno escolhido para estudar e no conhecimento já produzido a respeito, por outros investigadores, bem como no reconhecimento e a efetivação, possíveis com a vivência da pesquisa”. (Baptista, 2014, p.3). Ainda segundo a mesma teórica, a “trama investigativa, então, vai se compondo de saberes e inquietudes pessoais que possam ter significados sociais e para as áreas de conhecimento envolvidas; saberes dos outros (teóricos e das experiências compartilhadas) e a vivência mesma no campo da pesquisa [...]”. (Idem). Busca-se o entendimento de determinações e relações locais, fatores relevantes para compreensão do contexto da celebração da festa e imbricações com o turismo e economia local.

## **A Festa do Divino Espírito Santo**

O sagrado, na Festa do Divino, em Alcântara, mantém raízes profundas na religião católica, devotando crença no poder sobrenatural do Espírito Santo. Ao se dimensionar a religião como crença no sobrenatural controlador do universo, consegue-se representar a concepção divinal, sacra, que as caixeiros do Divino devotam à divindade. (Panzini et al, 2007). Para Geertz (1958), religião é “sistema de símbolos que estabelece sentimentos e motivações poderosos, penetrantes, duradouros, pela formulação de concepções de uma ordem geral de existência.” (p.4). Para Peter Berger (1985), religião representa a condição *sine qua non* na construção do próprio mundo, ela estabelece um cosmo sagrado. O autor ainda pontua o poder de alienação que tem a religião. É construção ordenadora das atividades humanas e é nela que os homens se protegem contra mazelas do mundo. A religião, portanto, dá sentido à vida do devoto, representando experiências, comportamentos e valores coletivos, em manifestações de alegria e fé, assim como nas festas religiosas em que crença se revela como válvula de escape para abrandamento das dificuldades da lida diária, quiçá sentido para a existência humana. É, primordialmente, momento de unicidade do povo. É o instante de revalorização e revalidação da cultura, representação simbólica do modo de vida em comunhão explicitado na cultura popular.

Pela ideia de cultura popular como representação simbólica, percebem-se características de determinado grupo social por intermédio de práticas, manifestações folclóricas e festas tradicionais. É o diferencial em relação a outros povos, o que lhe confere singularidade. As relações sociais entre sujeitos se desenham também pelo lúdico e práticas culturais, como festas em que as diferenças entre constituintes de determinado ambiente social caem por terra. Para Del Priore (2000), festa é “espaço de múltiplas trocas de olhares, de tantas leituras e de tantas funções políticas e religiosas, a festa e o seu calendário transformaram-se, no período colonial, na ponte simbólica entre o mundo profano e o mundo sagrado”. (p.27). A autora acrescenta que as relações da sociedade no ambiente eclesial “era uma oportunidade para socializar afetos ou desafetos, interesses ou negócios, poder ou subserviência” (p.96). Tem-se que as relações sociais estavam para além da fé, tornando o ambiente de igrejas espaço de sociabilidade entre fiéis.

As festas, de modo geral, possibilitam a destruição de diferenças ou seu fomento entre os indivíduos e, segundo Amaral (1993), haveria uma associação do momento festivo com a violência e o conflito, garantindo ser por meio das diferenças que se mantém a ordem. A autora também se refere ao pressuposto mimético, ou seja, à mímese, repetição que pode ser vista como fator de integração social ou destruição social, na medida em que os sujeitos desejam os mesmos objetos, as mesmas coisas, o que pode induzir ao conflito, à rivalidade e violência. Em consonância com o enunciado, mediante ideia de fator social, independente de condição agregadora ou conflituosa, Jean Duvignaud (1983) diz que é na festa que todos os grupos humanos apresentam "capacidade de se libertarem de si mesmos e de enfrentarem uma diferença radical no encontro com o universo sem leis e nem forma que é a natureza na sua inocente simplicidade." (p.212).

Sobre festas religiosas, Del Priore (2000) diz que foram trazidas pelos colonizadores europeus e aqui adquiriram novos formatos e, pelo mesmo viés, Amaral (1998) afirma que eram impostas pela igreja católica para adoração aos santos, sendo patrocinadas pela população com doações em dinheiro ou prendas e todos eram obrigados a participar, tanto os nobres, como os mendigos e os escravos. Eram também convidados ‘impostamente’ a participar das danças e procissões. Conforme a autora, a organização foi aprendida e adaptada para que diferentes segmentos sociais incutissem os símbolos próprios. O que culminou em diferentes culturas pelo Brasil, com elementos variados, dança, música, símbolos religiosos que acabaram por se firmar definitivamente em cada local, com suas particularidades, a exemplo de manifestações Bumba-meu-boi, tambor de crioula, festa do Divino e tantas outras.

As festas populares carecem de determinada estrutura, em ambiente social, normalmente planejadas, executadas e custeadas pelos moradores revelando tradições e modo de vida de grupo, em rituais ímpares que simbolizam valores e crenças. As mais tradicionais resultam, se não, da mescla entre nativos, africanos importados para terras brasileiras e europeus invasores. Por resultar de miscigenação é que as festas populares carecem de enfoque acuidoso, na intenção de melhor compreender o universo de instantes

sagrados que refletem especificidades culturais que tanto contribuem para a atividade turística. Como atrativo turístico, há premente necessidade de estudo das festas religiosas do catolicismo popular pois “envolve um processo dialético que se configura a partir de determinado contexto cultural e socioeconômico, no qual religião e turismo assumem sentidos contraditórios e complementares.” (Alves, 2012, p. 133),

Divino Espírito Santo é celebrado em vários países. Ferreti (2005) assinala que a festa é ritual ligado ao catolicismo que, a exemplo do Carnaval e do Bumba-meu-boi, apresenta características específicas em diferentes regiões. Assim, a Festa do Divino é encontrada em estados do Brasil (Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), em ilhas do Atlântico (Arquipélago dos Açores, e nas ilhas de Cabo Verde) e nos Estados Unidos (na Califórnia, realizadas por imigrantes açorianos). Alves também trata de singularidades próprias das festas que se transformam em atrativos turísticos “cuja produção de imagens e sistemas de signos se articulam com a força cultural que perpetua e renova as tradições.” (p.131).

Para Megiani (1995), a Festa do Divino Espírito Santo tem origem no mito do sebastianismo<sup>4</sup>, remetendo a Portugal do século XVI e XVII, período do surgimento do mesmo. Pereira (2005) faz facultativo seu posicionamento na linha do tempo: “A festa chegou ao Brasil no século XVI com os portugueses e, principalmente, com a vinda dos imigrantes açorianos para a cidade do Rio de Janeiro e o Estado de Santa Catarina.” (p.26). Ele também pontua que “ainda que no imaginário de outros devotos a festa tenha Portugal como mito de origem, muitos não sabem precisar em qual região ou cidade. Há, ainda, aqueles que não fazem ideia do começo da celebração.” (p.30).

Em associação com terreiros de Mina, Pereira (2005) também expõe o papel das caixeiras: “durante a celebração do Divino dentro dos terreiros de mina, os tambores silenciam para dar lugar às caixeiras e suas caixas, instrumento musical tocado por mulheres.” (p.29). Completa afirmando que, somente após alguns dias, é permitido o toque do tambor de mina, voltando ao cotidiano das casas e rituais de costume. Ainda sobre elas, Barbosa (2002) diz que “o repertório dos versos e cantigas é compreendido como patrimônio da festa, cuja autoria ficou diluída ou perdida pelos lugares por onde ela passa” (pp.303-304) e que a “performance do grupo é a responsável pelo conjunto da festa, mas a performance individual constitui-se em uma demarcação de espaços de poder das caixeiras”. (Idem).

As primeiras Festas do Divino, no Maranhão, no século XIX, são assim descritas por Lacroix (2012): “a festa africana associada ao culto católico, reunia os participantes na beira de uma estrada ou num terreiro, com bandeirinhas de papel colorido, uma grande bandeira vermelha com a pomba simbólica do Divino Espírito Santo”. (p.222). A festa começa no

---

<sup>4</sup> D. Sebastião, neto de D. João III, com 14 anos de idade assume o trono em meio a fervor religioso e militar. Perdendo a batalha em Alcácer-Quibir, no ano de 1578, D. Sebastião desaparece no campo de batalha, levando Portugal à crise dinástica. Assim, surge o Mito do Sebastianismo. O povo português acreditou que o rei desaparecido voltaria para salvação do povo.

domingo de Pentecostes, em exaltação ao poder do imperador como agente de Deus na terra. O cortejo do império traz alegria e farta distribuição de comida e bebida, com bailados e queima de fogos, em meio a ladainhas e peregrinações para esmolar em favor ao Divino. Os devotos elevam a Bandeira do sagrado em cortejo que resiste em algumas localidades como em Alcântara.

Principal manifestação cultural maranhense, a festa adquire contornos próprios, em especial em Alcântara. Associação ao catolicismo e presença marcante das mulheres como elemento imprescindível para preservação da cultura popular, são características da festa alcantareense. A manifestação religiosa dá-se em mais de cem cidades e, na capital maranhense, é valorizada em terreiros de mina, enquanto, em Alcântara, se caracteriza como festa católica, com cerimônias na igreja. Os preparativos iniciam no mês de maio, mais precisamente, no domingo de Pentecostes. O rito primeiro dá-se previamente no Sábado de Aleluia, momento em que os festeiros anunciam o grande dia em que o Imperador ou a Imperatriz recepciona os convidados com grande festa em que é servido almoço com farta mesa de doces em louvação ao Divino.

Entre São Luis e Alcântara, as diferenças iniciam quando, na capital, o Terreiro de Mina ambienta o cortejo enquanto que, em Alcântara, boa parte da festa começa no interior da igreja católica. Para os alcantarenses, a festa se alterna com Imperador e Imperatriz, o que não ocorre nas demais manifestações do Divino pelo estado. Há muitas dissimilaridades: é só mais um motivo para pesquisar sobre a festa, com as caixeiros de toques variados e variáveis da festa.

### **Caixeiros, sacerdotisas do Divino**

Em Alcântara, a escolha dos festeiros e sucessão de caixeiros se enraíza na família, e Pereira (2005) faz inferência quanto ao papel das famílias no desempenho dos festejos para louvor ao Divino: “a família está presente tanto no aprendizado desta celebração quanto na devoção ao Divino Espírito Santo” (p. 38). Caixeiros são mulheres sacerdotisas que, há muitas gerações, conduzem os rituais festivos do Divino Espírito Santo. O toque de caixas é uma prática socialmente reconhecida no estado do Maranhão, com direito e incentivo ao aprendizado, às trocas, às viagens e à formação de grupos. Elas conduzem os complexos rituais religiosos dos cultos festivos.

Elemento da Festa do Divino no Maranhão, as Caixeiros formam grupo restrito, com código próprio de conduta e de exigências de conhecimento, difundido, respeitado, e transmitido de geração em geração. Assim, a sabedoria no toque de caixas e entoação de cânticos repetidos de cor ou improvisados resgata herança histórico-cultural e preocupação com a preservação da sociabilidade do grupo, bem como da identidade cultural. O Plano Estadual de Turismo mostra em destaque as mesmas caixeiros, consubstanciando ideia de atrativo cultural e turístico.

As Caixeiros de Alcântara, em maioria, vêm de quilombos cuja origem se confunde com a construção coletiva do ritual. Na análise, elas se constroem a si próprias e os cânticos em

louvor ao Divino, partindo de experiências diárias. No livro *Caixeiras do Divino de Alcântara: no bater da caixa estou convidando as foliôas*<sup>5</sup>, tem-se a explicação da música cantada: “são ternários ou binários<sup>6</sup> compostos, com a expressão em círculo, e que carregam para a experiência do tempo circular, mântrico<sup>7</sup>.” (IPHAN, 2006, p. 11). As caixeiras formam grupo restrito, com regras próprias de inclusão de novas participantes. Para inserção no congregado de caixeiras, é necessário atender ao código de conduta ou conhecimentos específicos do toque de caixas. São as caixeiras grandes responsáveis pela construção da base material para a realização da Festa do Divino em Alcântara antes do século XX (IPHAN, 2006).

A origem das caixeiras está ligada às classes sociais menos abastadas e senhoras do Divino são, via de regra, mulheres idosas que sustentam famílias com as aposentadorias de trabalhadoras rurais. “Exercem função ritual e profissional estreitamente conectada com a devoção e compreensão da partilha e do compartilhar.” (IPHAN, 2006, p. 18). A morte de caixeira representa perda absoluta do repertório, pois a maioria dos cânticos é de improviso. No processo de sucessão, as caixeiras novas recebem treinamento durante os ensaios para a Festa do Divino ou durante os cortejos de viagens para recolhimento de donativos, em cujos momentos, novatas praticavam o toque e entonação de hinos. Cantam-se, em momentos pontuais da festa, como no diálogo com a Santa Croa<sup>8</sup>, ou com outras caixeiras. Em outro momento os cânticos saúdam quem chega à festa. Os cânticos de Alvorada e o dos cortejos sempre invocam a proteção ao Divino, associando melodia e toque de caixas com improviso criativo, de forma individual ou coletiva.

O posto de Caixeira-Mor<sup>9</sup> alcança-se pela entonação de voz, expressão vocal, afinação e vastidão de repertório. São necessários também conhecimento sobre todo o ritual da Festa do Divino, assim como liderança entre as demais caixeiras para império de hierarquia. Em momentos, o canto silencia, mas o toque de caixas segue em tons ritmados. Ao final, os festeiros dividem com caixeiras, sobras do angariado durante o festejo, materiais trigo, farinha de mandioca, óleo, refrigerante e toda a sobra é dividido com sacerdotisas do Divino, o que lhes garante ajuda significativa para provimento da sobrevivência material.

Pela ótica de Faraco (1996), veem-se as relações estabelecidas entre caixeiras e espaço onde vivem e reagem à marginalização do modelo capitalista. O dialogismo para Faraco, Castro e Tezza (1996) é um olhar que pretende captar a perspectiva global, para além dos aspectos do real. O autor se refere à cultura como vasto e complexo universo semiótico<sup>10</sup>, por entender o homem como ser de linguagem e consciência ativa, que se constrói e se desenvolve alimentando-se de signos sociais de que emergem gestos singulares, a exemplo

---

<sup>5</sup> Caixeiras, segundo fórmula de tratamento por elas utilizada para se autodesignarem.

<sup>6</sup> Dois tempos ou três tempos por compasso.

<sup>7</sup> Conjunto de sons pronunciados por determinado tempo entre um grupo social.

<sup>8</sup> Coroa do Espírito Santo.

<sup>9</sup> Em Alcântara, o maior cargo é o de caixeira-mor, e a segunda é que é a caixeira-régia.

<sup>10</sup> Depende da visão de quem interpreta.

das caixeiras alcantarenses, que trazem a representação do feminino galgando espaço no escopo social, materializada no Festejo ao Divino quando despem-se do papel de simples produtoras rurais para louvarem a divindade e tornarem-se sacerdotisas. A relação das caixeiras com o sagrado é dialógica, focada no irreal, no dramatizado, idealizado, distante das realidades cotidianas. No universo semiótico das caixeiras do Divino em Alcântara, o que traduz a realidade é a forma como enxergam o sacerdócio e a importância da divindade na vida, independente do período do ano.

O processo de formação de caixeira é lento, considerando a complexidade da festa. A hierarquia entre elas depende diretamente do grau de conhecimento das mulheres sobre a festa: contam os anos de experiência. Caixeira-Mor, em Alcântara conhece em profundidade todas as etapas da festa e comanda as demais em ritual. Não era fácil alcançar posto, mas, em se tratando de caixeira, a próxima caixeira-Mor é o menor problema, dada a decadência do grupo. *“Quando eu morrer se acaba o batuque... As mães não querem deixar suas filhas serem bandeirinhas... E quando a mãe deixa, a filha é que não quer. Em um ano a menina é bandeira e no outro já é mãe de família e não quer mais participar da festa.”*<sup>11</sup>

Para compreensão da decadência do grupo, entrevistaram-se caixeiras, gestores, moradores, alunos, professores, vigário e componentes da Festa. Caixeira de 82 anos, que toca caixas desde seis anos de idade, aprendeu com a mãe e diz que agora mães de adolescentes não querem que as filhas sejam bandeiras e a Festa do Divino sem Caixeiras não tem significado. Alega que bandeiras mudam sempre de ano para outro. A informante afirma que só existem três caixeiras em Alcântara: Ela, a irmã e senhora. Acredita que, após a morte, tudo vai depender do compromisso com a tradição. Encerra a entrevista dizendo que, acabando o batuque das caixeiras, “acaba tudo no lugar, pelo significado da festa”. Sugere a criação de oficinas para se manter a tradição.

Diz caixeira de 69 anos que, há 40 anos, aprendeu a tocar com as mais velhas e hoje já não se passa arte de mãe para filha. Segundo ela, treinam-se bandeiras desconhecidas que um ano participam, outro não. A solução: criar oficinas para continuidade da tradição. As bandeirinhas, por sua vez, dizem que, apesar da honra de participar da festa, não sabem se voltam, porque a duração da festa é muito longa. Perdem aulas e se prejudicam. Garantem que participariam novamente, até mesmo como caixeiras no futuro, mas não parecem muito seguras. Para o coordenador da Festa do Divino em Alcântara, são importantes as caixeiras na Festa, pois o festejo remete à época da escravidão, e elas representam escravos na senzala em reunião para tocar caixas.

O problema é que as caixeiras não preparam mais sucessoras. Ele alega que foram 55 anos de Festa do Divino e hoje a festa mudou muito, a começar pelo número de festeiros - já foram 13 -, todos com caixas, hoje somente dois, é que não há festa sem toque de caixas: os festeiros são poucos e o número de caixeiras mínimo. Há que se recorrer à zona rural para trazer caixeiras. Aponta três caixeiras de Alcântara e diz estar-se a treinar outra. Sugere,

---

<sup>11</sup> Depoimento de uma das duas últimas caixeiras em Alcântara, D. Anica.

como estratégia para manutenção do toque de caixas, um seminário para sensibilizar a população sobre a importância da herança cultural e solicita oficinas para treinamento de futuras caixeiras. Complementa o depoimento dizendo que está lutando, desde o início da gestão municipal, para a ideia tornar-se realidade.

O entrevistado se apresenta bastante preocupado com o futuro das Caixeiras e da Festa do Divino na cidade de Alcântara. Diz também que a festa não pode sofrer alterações: “ela é única no Maranhão, no Brasil e no mundo, por seu formato em que as caixeiras são apresentadoras do Divino. Também caixeiras com exclusiva dedicação ao Divino só existem em Alcântara, por isso não se pode perdê-las.” Encerra a entrevista, dizendo que seu medo é de que desapareçam as caixeiras e, por consequência, que a Festa do Divino na cidade seja extinta, “a festa sem caixeira ficaria nua.”

A Diretora da Casa Histórica de Alcântara fala da importância das caixeiras para Alcântara, como “cultura viva, de descendência afro, que conservam rituais tradicionais da Festa do Divino, com características da Festa tradicional.” Também acrescenta que existem caixeiras no país, todas do Terreiro de Mina<sup>12</sup> e, em Alcântara, são unicamente caixeiras do Divino. O prefeito tem prometido desenvolver a proposta. Acredita que nada acontecerá por falta de reconhecimento, por parte de gestores, da importância da cultura. Acredita que habitantes e gestores não tenham atentado para o valor do legado cultural, da Festa do Divino Espírito Santo e demais festas de Alcântara. Afirma, por último, que patrimônios material e imaterial e ambiental da localidade são negligenciados por desconhecimento da importância. Visitantes vêm por via *ferry boat*, que permite chegada à cidade de carro, é também difícil a travessia da Baía de São Marcos, utilizando barcos, lanchas e pequenos catamarãs, e, para pessoas idosas, é um exercício extenuante e perigoso, o que leva à desistência da viagem.

Em entrevista com professores da rede pública, ouve-se a preocupação premente com a diminuição do número de caixeiras na Festa do Divino. Professora entrevistada diz: “mesmo não sendo moradora fixa da cidade, como professora, passo muito tempo na mesma.” Constata que a festa do divino traz para Alcântara alegria e religiosidade. Indagada sobre importância da festa, a professora disse que, “além da conotação religiosa, proporciona aquecimento do comércio, divulga a cidade no Brasil e mantém as tradições.” As caixeiras, nas festividades, são figuras símbolos da festa do Divino, tradicionalmente parte indispensável da manifestação religiosa. Sobre festa sem caixeiras, responde que “de forma alguma poderia acontecer, pois descaracterizaria a manifestação tradicional.” A entrevistada finaliza a conversa, dizendo que o que mais a preocupa é a idade avançada das caixeiras e

---

<sup>12</sup> Terreiro de Mina é ambiente religioso. Lugar onde toca o Tambor de Mina que é uma forma religiosa de raiz africana que difere do candomblé e da umbanda por cultuar principalmente os voduns. Religião voltada para ancestralidade, envolvendo um ritual de transe ou possessão. No Maranhão os Terreiros de Mina mais conhecidos são: Mina Jejê e Mina Nagô. Os participantes, em sua maioria, são do sexo feminino. Caixeiras tocam em Terreiro de Mina, exceto em Alcântara.

sugere que gestores se mobilizem pelo incentivo à adesão de novas praticantes do toque de caixas com oficinas para jovens.

Entre os vinte alunos, adolescente de 16 diz ter a Festa do Divino como representação de momento alegre, que desperta jovens, para a importância de práticas religiosas e que demonstra a história dos antepassados. Por sua importância, a festa para Alcântara atrai muitos turistas, inclusive estrangeiros e divulga a cidade. Sobre as caixeiras, limitou-se em dizer que são senhoras importantes para o festejo e que todos na cidade as respeitam. Completa, dizendo que as caixeiras são figuras de destaque no cortejo do Divino. Diz ainda que, “sem caixeiras, não pode existir festa do Divino e que percebe que elas apresentam idade avançada e já parecem cansadas.” O jovem sugere que a prática do toque de caixas seja ensinada a novas gerações para que se garanta continuidade.

Cinco alunos responderam, em consonância com o primeiro entrevistado, entretanto, o restante da mostra (quatorze) não soube responder. Compreendeu-se a negativa da maioria de alunos que, além da timidez de participar de pesquisa, há fator preponderante que leva a preocupações. Os discentes, provavelmente, não são informados quanto à importância da Festa do Divino Espírito Santo para Alcântara, tampouco sabem sobre o conteúdo. Ao cruzamento dos resultados com o universo de professores entrevistados, a falta de informações sobre a Festa do Divino em Alcântara é diretamente proporcional entre discentes e docentes.

Na instância da gestão pública, o secretário de Turismo reconhece que a Festa do Divino Espírito Santo é o próprio retrato da cidade, percebe o perigo iminente da falta de sucessoras de caixeiras e que não pode existir festa do Divino sem elas. Pela análise, o secretário afirmou terem feito parceria com o Ministério do Turismo para implementação de oficinas de treinamento para novas caixeiras em que as mais antigas treinarão as mais jovens e a previsão é de remunerar 40 adolescentes para a prática do toque de caixas. Alegou o Secretário que o projeto não fora instituído em 2013 porque o recurso chegou tarde, em 2014, porém, estará em vigor.

O atual Prefeito reafirma as declarações do Secretário de Turismo e acrescenta entendimento sobre a importância de práticas culturais e diz ter consciência da figura simbólica das caixeiras, não só para a festa do Divino, mas também para Alcântara. O gestor se diz preocupado com a continuidade da festa e garantiu incentivo por meio de Projeto patrocinado pelo Ministério do Turismo para 2014. Com as palavras do Prefeito, “*a festa fica parecendo coisa de velho que tá sumindo*”<sup>13</sup>, ou seja, a tradição é antiga e sempre fora executada por pessoas mais velhas e está sumindo porque elas estão morrendo na mesma medida em que o legado vai se perdendo por falta de registro das cantorias. Prontificou-se a guardar o legado das vivas, providenciar para que os cânticos sejam gravados e arquivados para a história no futuro. O Prefeito encerra afirmando que outras preocupações se fazem pertinentes para a continuação da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, transporte e

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida em 14.05.2013.

rede hoteleira. Medidas urgentes precisam ser tomadas para garantia da visitação, não só no período da Festa do Divino, mas em todo o ano.

O vigário também dá depoimento sobre a manifestação religiosa mais prestigiada: as caixeiras simbolizam o amor, a religiosidade, a fé e a perseverança, tudo na figura símbolo da festa sacro-religiosa. Sobre a importância das caixeiras para Alcântara, o padre confirma que a figura da caixeira resgata os antepassados de Alcântara, mantendo acesa a chama pela ancestralidade e tradições, despertando o lado religioso da população de todas as idades e dos visitantes. Diz também ter ciência do problema das caixeiras no processo de sucessão e acredita exista certa preocupação nesse sentido, no que se refere à tradição. Sugere alerta às crianças e jovens para que saibam da importância da manifestação religiosa para a cidade. O vigário diz crer na boa vontade cristã dos gestores, no sentido de contribuir para a manutenção da tradição para que, juntos, igreja e gestão municipal, possam manter a tradição da festa religiosa do Divino Espírito Santo.

Quanto à estratégia de garantia do toque de caixas em Alcântara, sugere gestão com sensibilidade religiosa com assunto importante para a comunidade cristã. Por último, afirma que a manifestação não faz sentido sem as caixeiras, por serem elas um simbolismo de manifestação religiosa: a caixeira é imaculada e insubstituível para o festejo em Alcântara.

### **Considerações ‘iniciais’**

Este ‘texto’ não finaliza aqui. As considerações, ao longo de todo esse ‘percurso’ textual, são considerações iniciais. A atual pesquisa, em nível de doutorado, na Universidade de Caxias do Sul, envolvendo as caixeiras, reinveste na temática, agora para conhecer as imbricações nas relações entre os constituintes da Festa, a subjetividade-trama, as inter-relações implicadas na constituição da manifestação cultural. Assim, pretende-se discutir os papéis de cada um ali comprometido, tanto quanto a problemática situacional das caixeiras e o relacionamento com os quilombos, no entorno. Isso exigiu conhecer o processo histórico de conflitos, resistências e como se posicionam em práticas culturais e religiosas, como Festa do Divino Espírito Santo, estudo da pesquisa e parte intrínseca da herança cultural de sua descendência que ainda hoje servem de inspiração para as caixeiras em seus hinários de louvor ao Espírito Santo.

Pautada no conceito de subjetividade-trama à luz do pensar de Baptista (2000), entendo que os “sujeitos são espécies de campos de forças, marcados por múltiplas influências. Sujeitos que se constituem no imbricamento de forças múltiplas.”(p. 2). A interação de sujeitos, como o que ocorre na construção da Festa do Divino em Alcântara, “ocorre numa relação processual, numa rede intrincada de relações, típica de multiplicidade de campos em que os sujeitos estão envolvidos.” (p. 2).

A Festa do Divino Espírito Santo é expoente em tradição e atrativo turístico. Assume novos contornos, trazendo consigo legado cultural singular pelas especificidades de manifestação no restante do país que conta com cenário de caixeiras que existem unicamente para louvor ao Divino, sacerdotisas e únicas responsáveis pelo anúncio e

cortejos da Festa. A manifestação religiosa e as caixeiras enfrentam real ameaça de extinção, caso não sejam tomadas medidas cabíveis em caráter de urgência.

Da trama relacional entre os sujeitos aqui imbricados, percebeu-se, algumas vezes, desconhecimento e interesse por parte da nova geração, talvez por falta de incentivo e informações sobre o legado cultural. Também evidenciou a importância de implementação de oficinas, trabalhos escolares e incentivo pela necessidade de manter, viva, a tradição. Um dos principais sujeitos, determinantes para a execução da Festa, é a gestão municipal, que diz se comprometer em executar planos e estratégias de reintegração da juventude na cultura, por meio de bolsas remuneradas para caixeiras iniciantes. Reconhece haver carência de incentivos na comunidade e em escolas: trata-se de manifestação religiosa, elo entre cultura e antepassados. Juventude e entrevistados resistem à aquisição de conhecimento sobre a cultura alcantareense para contribuir com a manutenção cultural. Todos os anos, há mobilidade de participantes da Festa do Divino que poderiam ser futuras caixeiras. Por esses motivos, é unânime a ideia de que oficinas de treinamento de caixeiras se façam realidade. O festejo é expressivo atrativo turístico e carece de atenção e gestão dirigida, só existe pelas caixeiras, e sem as quais a manifestação perde sentido.

Ainda que o grupo, alheio à realidade das caixeiras, seja pequeno, diante da iminência de supressão das sacerdotisas, parece um dado importante que deve ser considerado em futuros planejamentos da festa, providenciando informações mais fundamentadas sobre a origem da prática religiosa e as relações com a história. A igreja, outro sujeito de fundamental importância, faz apelo em prol da perpetuação da maior manifestação cultural religiosa de Alcântara. Sua participação está para além de incongruências entre sagrado e profano. O vigário reconhece seu valor como símbolo de amor, de religiosidade, fé e perseverança, além de resgate cultural de práticas ancestrais, o que valida a tradição e apoia a continuidade do legado.

Imbricações entre cidade e comunidades quilombolas, no entorno, constituem trama complexa para conhecimento das práticas culturais, o que demanda pesquisa mais aprofundada, em áreas epistemológicas. Sobre indícios de estagnação econômica, compreendeu-se que impera o ranço de decadência econômica pelo histórico de segregação social e posição geográfica que entram acessos ao turismo e aquisição de gêneros alimentícios de primeira necessidade, sem políticas públicas de fomento na agricultura e pecuária. Todavia a população reside em interiores onde quilombos ocupam maiores áreas e a lida pela terra dificulta o desenvolvimento do povo. Segundo gestores públicos, tomam-se medidas em remediar problemas, principalmente quanto ao acesso à cidade e novos incrementos para o setor turístico contemplando oficinas para evolução do legado cultural das caixeiras, um dos principais atrativos turísticos.

O festejo do Divino Espírito Santo é expoente cultural da capital e Alcântara em maior ênfase. É que o legado das caixeiras está sob ameaça, passado de geração em geração. Mães atualmente negam participação de adolescentes em ensaios e ritual da festa por vários motivos, inclusive pela ausência às escolas, o que resulta em prejuízo. Nesse contexto, as

próprias adolescentes não reconhecem na festa do Divino Espírito Santo e no “serviço” das caixeiros, prática atraente, dizendo-os “coisa do passado”.

Assim, é necessário sensibilizar a todos os envolvidos na complexa trama que envolve a construção da Festa, como comunidade, gestores, sobre a importância da manifestação, despertando-lhes comprometimento. Todos os cidadãos carecem de sentimento de pertencimento às práticas culturais para que sejam mantenedores imediatos e constantes de tão expressivo legado cultural. Urge, pois, intervenção pública direta e imediata, principalmente na proposta de garantia do legado cultural exponencial da cidade de Alcântara, Maranhão.

## Referências

- Alves, M. L. B. (2012). Festas religiosas como atrativos turísticos. In Ramos. S. P (org.), *Planejamento de roteiros turísticos*. Porto Alegre: Asterisco.
- Amaral, R. C. O. (1993). O tempo de festa é sempre. *Travessia Revista do Migrante*, V.15(6), pp. 8-10.
- Baptista, M.L.C. (2000). Psicocomunicação: a trama de subjetividades. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/5f377526a305b8cd614e801f1c95e201.PDF>. Acessado em 15 de maio de 2015.
- Baptista, M.L.C. (2014). Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. *Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, V. 6(3), pp. 342-355.
- Barbosa, M. G., 2002, *Um as Mulheres que dão no couro*: as caixeiros do Divino no Maranhão, Dissertação Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, BR.
- Berger, P. L., 1985, *O dossel sagrado*: elementos para uma teoria sociológica da religião, São Paulo, Paulus.
- Brandão, C. R., 1989, *A cultura na rua*, Campinas, SP, Papirus.
- Del Priore, M. L., 2000, *Festa e utopias no Brasil colonial*, São Paulo, Brasiliense.
- Duvignaud, J., 1983, *Festas e civilizações*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- Faraco, C. A., e Castro, G., e Tezza, A., 1996, Diálogos com Bakhtin, In Faraco, C. A; Castro, G; Tezza, A., (orgs), *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná.
- Ferreti, S. F. 2005, *Texto Publicado no catálogo da Exposição Divino Toque do Maranhão*. Rio de Janeiro, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, IPHAN, MEC.
- Geertz, C. E., 1958, World view and the analysis of sacred symbols, *Antioch Review*, Vol.17 (4), pp. 234-267.
- Gouveia, C. R. M., 2001, *As esposas do Divino*: poder e prestígio feminino na Festa do Divino Espírito Santo em terreiros de Tambor de Mina de São Luís, Maranhão, Dissertação Mestrado em Antropologia, Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
- Ikeda, A. T. e Pellegrini Filho, A., 2008, Celebrações populares: do sagrado ao profano, In Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Ação Comunitária, *Terra Paulista: Histórias*,

*artes, costumes*, v. 3, Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo. São Paulo, Imprensa Oficial, CENPEC.

Iphan, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional., 2006, *Caixeiros do Divino Espírito Santo: no bater da minha caixa estou convidando a folia*, São Luis-Ma, IPHAN.

Lacroix, M. L. L., 2012, *São Luis do Maranhão: corpo e alma*. São Luis, Lithograf,.

Megiani, A. P. T., 1995, *O jovem rei encantado - aspectos da construção e personificação do mito messiânico português*, Dissertação Mestrado em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, BR.

Panzini, R. G. et al, 2007, Qualidade de vida e espiritualidade, *Revista de psiquiatria clínica*, Vol. 34 supl.1, pp. 105-115.

Pereira, C. R., 2005, *Devoção e identidade: a festa do Divino Espírito Santo da Colônia Maranhense no Rio de Janeiro*, Dissertação Mestrado em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, BR.